

Memórias Universitárias e (Auto)Biografias: na cena da construção identitária brasileira¹

Memorias Universitarias y (Auto) Biografías: en la escena brasileña de construcción de identidad

Graduate Memories and (Auto) Biographies: the brazilian identity building scene

Flavia de Oliveira Barreto²

Natacha Ribeiro de Souza Pinto³

Resumo

O Projeto de Pesquisa “Educação e o uso de narrativas (auto)biográficas: histórias de vida/histórias de família”, iniciado em 2018, pretendeu desenvolver uma reflexão sobre os processos de formação de alunos, professores universitários e intelectuais do campo das Ciências Humanas, a partir de narrativas (auto)biográficas em busca de pistas elucidativas de características socioculturais e históricas de processos formativos peculiares e inerentes a uma dinâmica social brasileira. A adoção de diferentes estilos de textos biográficos atende ao cuidado metodológico que impõe este cuidado quando se trata de diferentes indivíduos com seus processos formativos particulares. O objetivo do trabalho é a valorização e o registro de uma memória universitária que necessita ser preservada.

Palavras-Chave: Educação e (auto)biografias; Educação, Cultura e História; Educação, História Cultural.

Resumen

El Proyecto de Investigación “Educación y uso de narrativas (auto) biográficas: historias de vida / historias familiares”, iniciado en 2018, tuvo como objetivo desarrollar una reflexión sobre los procesos de formación de estudiantes, profesores universitarios e intelectuales en el campo de las Ciencias Humanas. , de narrativas (auto) biográficas en busca de elucidar pistas de características socioculturales e históricas de procesos de formación peculiares inherentes a una dinámica social brasileña. La adopción de diferentes estilos de textos biográficos se encuentra con el cuidado metodológico que este cuidado requiere cuando se trata de diferentes individuos con sus procesos formativos particulares. El objetivo del trabajo es potenciar y registrar una memoria universitaria que necesita ser preservada.

Palabras-claves: Educación y (auto) biografías; Educación, Cultura e Historia; Educación, Historia Cultural.

Abstract

¹ Artigo apresentado no VI Encontro Humanístico Multidisciplinar - EHM e V Congresso Latino-Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares, na modalidade online, 2020.

² Doutora em Sociologia e Antropologia; Núcleo Interdisciplinar Resistência e Arte - NIRA; Rio de Janeiro, Brasil; flaviabarreto2011@gmail.com.

³ Mestre em Arqueologia; Núcleo Interdisciplinar Resistência e Arte - NIRA; Rio de Janeiro, Brasil; natacha.ribeiro@hotmail.com.

The Research Project “Education and (auto) biographical narratives: life stories / family stories”, started in 2018, intended to develop a deeper reflection on Undergraduate and Graduate Human Sciences teacher training processes. The (auto) biographical approach contemplated the search for elucidative clues on sociocultural and historical aspects inherent of the Brazilian social dynamic on teacher training processes. The adoption and establishment of different biographical styles considerably envisages the method used on the research given the fact that it addresses individuals from particular social backgrounds. This research focus on enhancing and recording undergraduate and graduate memories which need to be safeguarded.

Key words: Education and (auto) biographies; Education, Culture and History; Education, Cultural History.

1. Introdução

O Projeto de Pesquisa “Educação e o uso de narrativas (auto)biográficas: histórias de vida/histórias de família”, iniciado em 2018, pretendeu desenvolver uma reflexão sobre os processos de formação de alunos, professores universitários e intelectuais do campo das Ciências Humanas, a partir de narrativas (auto)biográficas, em busca de pistas elucidativas de características socioculturais e históricas de processos formativos peculiares e inerentes a dinâmica social brasileira.

Tomamos como pressuposto conceitual, sintetizador do que entendemos como intelectuais aqueles que se dedicam ao exercício da intelectualidade fazendo uso do conjunto de faculdades mentais que propiciam o exercício mental, pretendendo conduzir à compreensão do mundo que nos cerca, do sentido da vida e da existência (SARTRE, 2007, p. 593-595). A epígrafe de Sartre abre de imediato o debate e expõe a natureza do terreno paradoxal em que caminha o biógrafo. Será o homem livre para escolher? Até onde ele se deixa levar pelas forças que se alternam numa sobre determinação coercitiva que se impõe sobre sua vontade? Haveria liberdade para o homem escolher na opressiva sociedade da exploração do trabalho do homem sobre o homem? Uma questão a ser respondida no percurso e que pode ser motivo de reflexão em torno dos assuntos abordados pelo personagem da (auto)biografia (objeto da pesquisa) no confronto com a trajetória pessoal, processo formativo e relações familiares.

Como se construíram os interesses por tal ou qual assunto? Que fatores extracampo influenciaram a condução de uma carreira profissional de um intelectual produtivo e atuante? Qual o significado do processo formativo vivido para o descortinar do olhar teórico? A conexão entre a obra e a história pessoal estará em relação dialógica permanente e dinâmica, exigindo maior aplicação e estudo para a condução de tal trabalho de composição da narrativa (auto)biográfica.

As trajetórias de vida de professores incluem outras dimensões a desafiar a produção (auto)biográfica porque exige que se identifique, por meio da análise de cada trajetória, os temas que atravessam o processo formativo individual. À medida em que estes temas sejam identificados, servirão de eixo temático a estruturar a composição do texto (auto)biográfico. Incluímos aqui a reflexão sobre o difícil trabalho de tradução da oralidade para o texto escrito, no exercício da relação entre autoria e vivência resgatada pelo esforço de ativação da memória. Nesse sentido, caminha-se por um percurso de aprofundamento consciente e amplificado acerca dos debates que atravessam o campo da produção de (auto)biografias.

A composição de uma narrativa (auto)biográfica sobre o processo formativo vivido por um aluno universitário se ancora possivelmente, de modo mais expressivo na história de vida, nas relações e na trajetória de família como demonstrativos particulares e exemplares de trajetórias caracterizadamente brasileiras de formação de indivíduos históricos. Nesse sentido, os desafios metodológicos direcionam-se a questões muito relevantes e profundas, como se pode depreender da tensão que acarreta para um trabalho de pesquisa a presença do clássico binômio razão e afeto. Agregamos a este tipo de trabalho direcionado à coleta de depoimentos, composição de narrativas (auto)biográficas sobre os processos formativos de alunos universitários o mérito de promover o exercício e aprendizado inicial dos elementos teóricos e práticos da produção de (auto)biografias. Ponderamos, todavia, que nos casos em que a elaboração de narrativas for tensionada, em especial nos casos de jovens alunos, que ainda experimentados durante uma trajetória formativa de escolarização excludente, e outras limitações que contribuem para uma experiência vivida e típica em sua peculiar brasilidade, pode-se justificadamente recorrer a adoção de um subgênero biográfico como, por exemplo, o biografema, que em sua complexidade/simplicidade permite a preservação da ipseidade do sujeito.

A escolha dos entrevistados, dos personagens centrais nas narrativas (auto)biográficas coletadas foi guiada pelos objetivos da pesquisa. Cada um desses sujeitos históricos, estudantes universitários, autores e professores teceram suas opções e optaram pessoalmente por tomar rumos em seus caminhos de vida, bem como produziram as suas obras tomando como base diferenciadas matrizes teóricas, dialogaram com distintos autores e conforme a própria trajetória de maturação de sua intelectualidade, alteraram algumas de suas bases teóricas, ou abandonando autores referenciais, tornaram mais explicitadas outras opções teóricas para nortear suas abordagens.

Trata-se, como se pode perceber, de três caminhos diferenciados para a inserção das iniciativas de pesquisa, distinguindo-se notadamente a profundidade do desafio metodológico

para a execução de cada uma das tarefas propostas. A (auto)biografia é uma categoria complexa que se caracteriza pela instabilidade proveniente de ser um relato em prosa, numa escrita sobre a própria existência, centrada na vida individual e na história da personalidade, conforme nos diz Lejeune (2008, p. 13).

Por conseguinte, dentro do vasto campo de possibilidades de contribuições acrescentadas pela narrativa (auto)biográfica, a descrição que cada um desses indivíduos poderá fazer acerca de sua trajetória escolar e profissional terá também o mérito de enriquecer a interpretação mais ampliada sobre os processos formativos na sociedade brasileira da atualidade. Esta proposta de trabalho teve como compreensão fundamental, o entendimento da importância de uma narrativa (auto)biográfica como instrumento que amplifica o entendimento acerca dos processos formativos e do trabalho intelectual, possibilitando que se insiram elementos que contém as nuances de uma humanidade vivenciada.

2. Considerações metodológicas

Antes de adentrarmos à questão própria dos problemas da composição sobre os discursos do eu, das narrativas (auto)biográficas e seus desafios, consideramos relevante tomar o caminho da reflexão sobre dois temas correlatos e que atravessam permanentemente o trabalho de qualquer pesquisador voltado para a elaboração de (auto)biografias. Trata-se do tempo e da memória.

Dois fenômenos de origem natural e que se aproximam em sua intangencialidade. Desde os primórdios de sua existência o homem observa o correr dos dias e das noites, mas a percepção conceitual acerca do que se sucede agora, do que já se sucedeu e o porvir exigiu da humanidade um esforço de síntese a abstração conceitual para enfim, tentar controlar com algum nível de racionalidade a tridimensionalidade do tempo. O passado o presente e o futuro. Absorver os domínios de Kronos, o deus que foi concebido como um devorador de seus próprios filhos. O que nos custa entender essa metáfora grega que empresta sentido aos domínios de um deus tão cruel. Mas que se evidencia em cada um de nós desde o nascimento, o crescimento e a morte, percurso cruel que não perdoa a nenhum dos filhos de Kronos. Todos caminhamos para o final em que o tempo, esta entidade fenômeno nos devora.

Talvez a percepção de que a passagem do tempo traz consigo a certeza do final da vida tenha levado os gregos a criação de um outro deus, com a mesma propriedade de reger o tempo, mas desconectado da cruza da morte. Surge então Áion, o deus do tempo, do sentido do tempo, o tempo eterno, o tempo que existe, mas que não nos fere em sua cruza. Apenas

indica a existência deste como um fenômeno de beleza e conforto, que a todos e a tudo abarca emprestando significado e sabedoria.

Conferimos desta forma que o conhecimento sobre o fenômeno tempo e a apropriação racional do mesmo para o uso que hoje fazemos de nossos tempos/vida, exigiu da humanidade muito esforço.

O conceito de tempo no uso que fazemos dele, situa-se num alto nível de generalização e de síntese, que pressupõe um riquíssimo patrimônio social de saber no que concerne aos métodos de mensuração das sequências temporais e às regularidades que elas apresentam. É claro que os homens dos estágios anteriores não podiam possuir esse saber, não porque fossem menos ‘inteligentes’ do que nós, mas porque esse saber exige, por natureza, muito tempo para se desenvolver. (ELIAS, 1998, p.35)

Ainda durante a antiguidade, muitos povos dedicaram esforços para a elaboração de maneiras de contabilizar a passagem do tempo para que se tornasse viável as narrativas e inteligíveis as sequências dos fatos ocorridos nas vivências humanas, de tal modo que as gerações que se seguiam pudessem desfrutar destas narrativas de maneira compreensível. Calendários lunares, calendários solares guiavam as diferentes culturas nos cultivos, nos registros dos acontecimentos, ordenando as possibilidades do compartilhamento de uma história a ser preservada na memória dos homens.

E deriva do conhecimento que desenvolvemos sobre o tempo a percepção de outro fenômeno: a memória. A memória humana, como outros fenômenos intangíveis se destaca em nosso tema justamente porque os fatos passados que se resgatam durante uma narrativa (auto)biográfica só podem ser relatados por meio da memória.

Como o Tempo, a Memória é igualmente representada entre os deuses gregos, somente que maneira diferente por esta divindade ser uma mulher. Mnemósine representa a memória que resgata as vivências, fenômeno responsável pela permanência do conhecimento, uma deusa inspiradora.

Há um rico e complexo debate a respeito da memória. Desde Platão até os dias atuais muitos estudiosos se debruçaram sobre o fenômeno. Paul Ricouer (2007, p. 24) nos diz com simplicidade que “lembrar-se é ter uma lembrança ou ir em busca de uma lembrança”. Isto posto dedica-se a esmiuçar uma imensa complexidade que envolve a conceituação e problematização do tema.

Halbwachs, (2003, p. 30) um dos autores referenciais no debate sobre a memória afirma que toda memória é coletiva. “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós”.

A partir de uma reflexão sobre o tema, reafirmamos a importância de estudos e pesquisas que realizem registros a partir das memórias narradas por sujeitos que habitam a universidade e encontram nela um espaço-tempo na vivência de seus processos formativos.

Ao pensar sobre a pretensão da biografia, Pierre Bourdieu (2006, p.184) estende sua reflexão frente ao que é considerado importante pelo pensamento de senso comum sobre a possibilidade da objetividade e veracidade biográfica ancoradas na ordenação cronológica da narrativa biográfica:

(...) a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma “intenção” subjetiva e objetiva, de um projeto (...) Vida organizada como uma história que transcorre, segundo uma ordem cronológica que também é uma ordem lógica, desde um começo, uma origem, no duplo sentido de ponto de partida, até seu término, que também é um objetivo. (BOURDIEU, 2006, p. 184)

A ideia da ordenação cronológica é apontada como uma das ilusões que acometem os biógrafos, conforme o olhar crítico de Bourdieu, que cita Allain Robes-Grillet para problematizar a questão: “(...) o real é descontínuo, formado de elementos justapostos sem razão, todos eles únicos e tanto mais difíceis de serem apreendidos porque surgem de modo incessantemente imprevisível, fora de propósito, aleatório.” (BOURDIEU, 2006, p. 184).

No que concerne à narrativa (auto)biográfica, vários questionamentos se levantam quanto à veracidade das narrativas, quanto a pertinência destes textos como fonte de consulta para as pesquisas científicas e históricas, justamente devido às possibilidades que estes oferecem de distorção das realidades. Todas estas questões estão em diálogo direto com os problemas da memória.

Porém destarte todas as dificuldades que se possam discernir quanto ao aproveitamento dos textos de origem em narrativas (auto)biográficas, tem se tornado crescente a aceitação dos mesmos como materiais instigantes para as pesquisa do social. Constata-se um interesse crescente:

Pelo tema da memória e pelas escritas de si, tanto no campo dos estudos literários, em que autobiografias, diários, correspondência e blogs vêm se destacando como objeto de investigação, quanto no campo da sociologia, antropologia e história, no qual esse interesse se justifica pelo dato de o gênero possibilitar um ângulo privilegiado para a percepção dos micro fundamentos sociais pelos *selves* individuais. (NORONHA, 2008, p. 10)

Apesar de se tratarem de textos que não devemos considerar como documentos perfeitos e, por conseguinte, definitivos, todavia, estes podem oferecer como contribuição aos estudos de natureza científica o vislumbrar de novas problemáticas, outras hipóteses de trabalho, maneiras distintas de ver e produzir novas teorias para a abordagem da realidade social.

A História Oral tem o grande mérito de permitir que os fenômenos subjetivos se tornem inteligíveis – isto é, que se reconheça, neles, um estatuto tão concreto e capaz de incidir sobre a realidade quanto qualquer outro fato. Representações são tão reais quanto meios de transporte ou técnicas agrícolas por exemplo. Quando um entrevistado nos deixa entrever determinadas representações características de sua geração, de sua formação, de sua comunidade etc., elas devem ser tomadas como fatos e não como ‘construções’ desprovidas de relação com a realidade. (ALBERTI, 2004, p. 9-10).

Observados os aspectos que Bourdieu aponta, como provocações desafiadoras à tarefa de compor textos de (auto)biografias, entendemos que a aplicação de metodologia apropriada e específica consistiu nos primeiros passos a orientar o trabalho de tradução do texto oral para o texto escrito, mantendo eticamente a fidelidade ao depoimento realizado pelos depoentes. Neste caso, as metodologias da História Oral sedimentam as tomadas de depoimento e o tratamento do texto.

Sendo um método de pesquisa, a história oral não é um fim em si mesma, e sim um meio de conhecimento. Seu emprego só se justifica no contexto de uma investigação científica, o que pressupõe sua articulação com um projeto de pesquisa previamente definido. Assim, antes mesmo de se pensar em história oral, é preciso haver questões, perguntas, que justifiquem o desenvolvimento de uma investigação. (ALBERTI, 2005, p. 29)

Como percebido anteriormente pela presença de diferentes sujeitos narradores, consideramos também a diferença de elaboração das narrativas pelos diferentes sujeitos. Abriu-se a possibilidade de adoção de um subgênero da (auto)biografia, o biografema, criado como neologismo por Roland Barthes, enquanto caminho viável para o registro de narrativas diferenciadas conforme os distintos sujeitos. Em a “Câmara Clara nota sobre a fotografia”, Barthes evidencia, a nosso ver, a semelhança entre a criação do biografema e a fotografia, por sua concisão e inacabamento, em contraponto ao cinema cujo produto se aproximaria mais da narrativa biográfica, como texto fechado e finalizado.

Assumindo um caminho plural com o recurso de diferentes possibilidades na tessitura dos textos e na tradução da narrativa oral para a narrativa textual, a adoção de distintas formas textuais, aderindo a tal ou qual subgênero do gênero biográfico, entre os devidos cuidados na tomada dos depoimentos, empregando-se técnicas de registro advindas da História Oral, entendemos apoiar metodologicamente o trabalho proposto.

3. Porque a escolha de estudantes e professores universitários como referenciais da memória universitária brasileira

A pertinência da inclusão de narrativas do eu fundadas em depoimentos de alunos se deve a opção metodológica de alinhamento com a História das Mentalidades, que se abre para outros objetos e metodologias ancoradas em fontes de pesquisa não usuais ao tradicionalismo historiográfico. Estes sintetizam a presença do “sujeito comum”, o aluno, este indivíduo

desapercebido no campo das produções acadêmicas universitárias e que, paradoxalmente, por quem tudo existe.

O aparecimento de estudantes em uma pesquisa que pretende realizar registros (auto)biográficos para a complementação de uma memória universitária pode causar curiosidade. Em geral, muitas coleções que apresentam biografias que apresentam como lugar a inserção dos biografados nas universidades brasileiras costumam se restringir a nomes referenciais de professores e intelectuais que se destacam pelo volume e importância das obras publicadas. Formando-se deste modo um legítimo Pantheon de destaques a serem reverenciados e preservados em nossas memórias como aqueles a quem não se pode esquecer.

Mas o que dizer da massa de estudantes anônimos que circulam pelos corredores e ocupam as salas de aulas, com uma frequência às vezes contínua, em outros momentos, perceptíveis em suas descontinuidades. Porque esse mar de anônimos teria alguma relevância, ao ponto de dedicarmos espaço e esforço de pesquisa para elencarmos narrativas (auto)biográficas sobre aqueles que muitas vezes demonstram inclusive dificuldades em apresentar escritos em que haja alguma demonstração de superação de suas precariedades formativas?

O mesmo se aplica ao incontável número de professores universitários que permanecer desconhecidos nas trincheiras de suas salas de aula. Estes desconhecidos do grande público mantêm com seus alunos uma proximidade de um semestre, conforme a ordenação temporal de nossa formação universitária. Para depois desaparecerem ou permanecerem na memória de alguns alunos como pessoas que atravessaram seus caminhos vinculados a tal ou qual disciplina.

Muitos professores produzem livros, publicam artigos, vão a congressos, debatem com seus pares. Orientam alunos em trabalhos de conclusão de curso, monografias, dissertações, teses... Mas, ainda assim, permanecem excluídos dos registros de uma memória universitária. Excluídos do rol que se tece sobre a grandiosidade dos intelectuais a serem celebrados. Destes pouco se sabe. Quem são, de onde vieram, como se compunham suas famílias. Que grandes decisões precisaram realizar em suas trajetórias de vida? Qual foi a natureza dos desafios que enfrentaram? Como perceberam os processos de exclusão que os espreitaram e de que maneira responderam a estes?

E, principalmente, porque se ocupar destes desconhecidos? A resposta a esta indagação encontra seus fundamentos teóricos e metodológicos em Michel de Certeau, inspirador de uma linha de pesquisa sobre os cotidianos que eleva o homem comum ao patamar de objeto de estudo.

Este herói anônimo vem de muito longe. É o murmúrio das sociedades. De todo o tempo, anterior aos textos. Nem os espera. Zomba deles. Mas, nas representações escritas, vai progredindo. Pouco a pouco ocupa o centro de nossas cenas científicas. Os projetores abandonaram os atores donos de nomes próprios e de brasões sociais para voltar-se ao coro dos figurantes amontoados dos lados e depois fixar-se enfim na multidão do público. (CERTEAU, 1994, p. 57)

Não se trata aqui de observar o indivíduo comum que transita anonimamente pelos corredores das universidades brasileiras enquanto um conjunto massivo quantificável e apreendido enquanto tendências coletivas. Ao contrário, o objetivo nesta perspectiva metodológica é trazer à frente da cena toda a riqueza de percursos de vida inimaginados e que são exemplarmente ricos em nos surpreender que a inusitada variedade de desafios e espertezas no criar táticas de resistência e subversão aos limites socialmente impostos aos desprovidos de recursos, aos oriundos de camadas populares destinadas ao naufrágio frente as oportunidades de ascensão social que as universidades podem porventura lhes acenar, quando oriundos de famílias de baixa escolaridade.

As narrativas biográficas, quer sejam aprofundadas, em busca dos sentidos do vivido e ordenadas cronologicamente, ou quer sejam fragmentárias estas narrativas, elas podem nos evidenciar que nas relações sociais experimentadas por estes sujeitos, em suas trajetórias de vida, “cada individualidade é o lugar em que atua uma pluralidade incoerente (e muitas vezes contraditória) de suas determinações relacionais.” (CERTEAU, 1994, p. 38).

É nesta fundamentação teórica certeuniana que amparamos as expectativas de encontrar em nossas pesquisas as táticas e estratégias de resistência e oposição, acionadas na permanência e habitação da universidade em nosso país, desenvolvidas e articuladas por estes indivíduos comuns, de quem, costumeiramente se rouba a oportunidade de nos falar sobre os conhecimentos que se acumularam no convívio e nas relações que se realizam na “casa da ciência e do conhecimento”. Ou seja, como se dão as vivências e resistências para sustentar a permanência e a entrada destes indivíduos que deveriam permanecer excluídos do lugar do saber e da distinção. Como estes vivenciam as trocas de conhecimento em seus cotidianos. Os desafios experimentados por alunos e professores em suas experiências formativas. Isto é o que esperamos encontrar e dar divulgação em nossas pesquisas fundadas nas narrativas do eu, para contribuir com o pensar a formação universitária brasileira.

4. Sobre o desenvolvimento atual da pesquisa

Estabelecemos no final do ano passado, um grupo bem organizado de pesquisa composto por dez pessoas. Nove alunas, diferentes estágios do processo formativo. Seis

alunas de graduação em Letras nas diferentes modalidades: Português – Inglês; Literatura da Língua Portuguesa; Licenciatura em Português. Três alunas oriundas do curso de Especialização em Gestão Escolar, cujas monografias de final de curso, apesar das muito distintas abordagens, versaram igualmente sobre os estudos acerca da Gestão do Conhecimento. Estas três alunas advindas de graduações muito diferentes: História, Ciências Sociais e Pedagogia. A décima integrante do grupo é a professora coordenadora cuja formação se deu em Ciências Humanas/Sociologia, mas atua em um Departamento de Educação em curso de Pedagogia. Uma das alunas de Especialização realizou sua monografia baseada na própria trajetória formativa, tecendo um trabalho minucioso e (auto)biográfico. Atualmente, seguem-se as leituras, os debates sobre a literatura do tema entre as componentes do grupo.

Realizamos a tomada de depoimentos de uma professora atuante no campo da Educação, e que não dispõe de grande evidência, pois não ocupa o lugar dedicado aos grandes intelectuais que embasam as leituras dos nossos estudantes universitários.

Este trabalho, que se encontra perto do momento final em relação às tomadas de depoimentos, vem sendo acompanhado presencialmente, embora de maneira remota, devido às condições em nos encontramos neste período pandêmico, por uma parte das integrantes do grupo. Todas estão igualmente engajadas nas transcrições dos depoimentos, no levantamento dos termos que deverão merecer o esforço de pesquisa, quais sejam: nomes, lugares, palavras em idiomas estrangeiros, movimentos sociais, políticos e históricos, acontecimentos históricos, referências culturais (modas, músicas e artistas, filmes, revistas e literatura infantil...) O que tem acrescentado muito em termos de ampliação dos horizontes culturais das alunas engajadas no processo de trabalho, em especial as pertencentes das mais novas gerações que desconhecem a existência de tecidos como tergal, a empresa de aviação Varig, ou o sentido exato de termos como sionismo entre outros. Todas dedicam-se com afinco a elaboração de um rico glossário de termos que surgiram durante os depoimentos.

Há um grupo bastante interessado em compreender a riqueza de possibilidades contida na proposta de elaboração dos biografemas, conforme nos indica Roland Barthes (2005, p. 17) ao abrir as portas para a legitimação dos textos incompletos e desconectados de uma sequência cronológica, ou até mesmo de sentido, sem, entretanto, merecer por este motivo, a desqualificação enquanto narrativas (auto)biográficas. Jovens atualizadas com o contexto virtual em que já estamos inseridos há anos, mas que se evidencia de forma contundente neste período de afastamento social, voltam-se para as análises das redes sociais, para as postagens

no *facebook* e no *instagram* em busca dos textos fragmentados, que, todavia, evidenciam a ipseidade contemporânea de sujeitos anônimos.

Em passos igualmente firmes, avançamos para a finalização do trabalho de transcrição dos depoimentos de um intelectual cujos livros fazem parte da formação de muitos novos estudantes universitários no campo da Educação.

Trata-se de narrativas que assumem formas textuais bastante diferenciadas, sem perder com isso o vínculo com a humanidade dos narradores, sem deixar de contemplar a cotidianidade de seus atos mais comuns, como morar e cozinhar.

O objetivo com a realização destas pesquisas é o de oferecer narrativas pessoais, testemunhos geracionais e atuais de sujeitos que habitam as universidades, a partir de inserções bastante diferenciadas, conectando as vivências e os encontros teóricos, as opções por tal ou qual linha de pensamento e pesquisa com as experiências de sujeitos que ao final são igualmente comuns. E como qualquer um de nós precisa experienciar aquilo que muitos refutam como atos completamente desprovidos de interesse público: vestir, morar, cozinhar, mar, decepcionar-se, alegrar-se, amar as plantas, as cores, os filmes, as pequenas alegrias que enquanto seres humanos todos podemos desfrutar.

5. Conclusões preliminares

O ano de 2020 se destacará na história da humanidade como um momento único. Não vamos considerar que isso se deve de maneira exclusiva ao surgimento de uma epidemia tão globalizada que paralisou a economia mundial e lançou as populações no distanciamento social, na reclusão dos lares, durante meses a fio, até que seja encontrada a solução para tal doença originada pela exposição a um perigoso vírus. Essa experiência do contágio, do medo e do isolamento das populações fez parte da realidade de gerações passadas, na época da peste negra, da malária, do tifo, da gripe espanhola, e de outras tantas doenças terríveis que, do mesmo modo, geraram quarentenas e isolamentos.

Os que vivem este momento contam com recursos inexistentes em outras épocas, oferecidos pelas tecnologias, pela internet, pela informática, por todos os meios e recursos tecnológicos variados de que dispomos hoje. Isolados, mas em condições de encontros remotos. Uma nova realidade para a Educação, para as universidades e para as relações familiares e pessoais. A disponível amenização das dores, das angústias e inseguranças que se apresentam diante a multiplicidade de atingimentos, conforme as condições de vida e de recursos de cada um, e para as diferentes formas de enfrentamento resiliente ante a pandemia.

Lamenta-se a perda da interação social e as vivências presenciais brilham em nossas memórias recentes como pequenos tesouros de felicidade a serem resgatados.

Quais serão as curiosidades futuras a respeito desta experiência global? A crescente chamada das revistas acadêmicas, dos congressos, dos seminários universitários, para a produção de registros sobre as vivências cotidianas durante a pandemia nos demonstra que os estudos sobre o evento ocuparão pesquisadores e motivarão debates, em um futuro próximo e também no futuro mais distante.

Apresentado este cenário, cabe assinalar a importância atribuída ao registro das experiências individuais. As narrativas se legitimam como texto, fontes primárias a inspirar reflexões mais aprofundadas.

A propriedade deste tipo de iniciativa demarca a ruptura com o marco fundador da produção biográfica, criação de Plutarco, autor grego de *Vidas Paralelas* com seus vinte e três pares de biografias comparativas de gregos e romanos proeminentes em suas respectivas áreas de atuação. Como bem exemplifica a dupla Teseu e Rômulo, o primeiro fundador de Atenas e o segundo, fundador de Roma. Plutarco pretendeu com a criação deste Pantheon de figuras de excelência apresentar aos cidadãos gregos e romanos as características, os valores que lhes seriam semelhantes, as quais se pretendeu atribuir suas identidades, social e histórica, enquanto integrantes dessas sociedades.

A influência deste propósito aderiu à produção das narrativas biográficas e lhes emprestou o sentido de registrar a vida apenas de celebridades e pessoas consideradas relevantes para a formação de uma identidade nacional. “(...) o que caracteriza a memória nacional é precisamente ela não ser propriedade particularizada de nenhum grupo social, ela se define como um universal que se impõe a todos os grupos” (ORTIZ, 1994, p. 136). Fruto de uma disputa, a eleição do conteúdo dos mitos fundadores e o elenco de valores personificados por “heróis nacionais”, neste processo claramente político reside a construção de uma identidade nacional.

O trabalho de pesquisa iniciado em 2018 encontra-se avançado e conta com duas narrativas biográficas em andamento, além de várias outras produções de estilo diferenciado. Ressaltamos por este motivo que a realização deste tipo de trabalho vem a somar esforços para a construção e consolidação de uma identidade nacional, adicionando a presença de sujeitos sociais e históricos de grande relevância, vinculados ao conhecimento científico produzido em nosso país, o que vai à direção contrária do obscurantismo que empalidece o valor dos professores, o valor dos que estudam e da casa da ciência: a universidade.

Referências

- ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- _____. *Ouvir, contar*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loyola*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. *A câmara clara*. Nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 1. Artes de Fazer. Petrópolis, R.J.: Vozes, 1994.
- ELIAS, Norbert. *Sobre o Tempo*. Rio de Janeiro. Zahar, 1998.
- HALBWACHS, Paul. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- NORONHA, Jovita Maria Gerheim. Apresentação, In: LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PLUTARCO. *Vidas Paralelas. Tomo I. Coleção Autores Gregos e Latinos Série Textos*. Coimbra, Portugal: Universidade de Coimbra Departamento de Letras, 2008.
- RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: Unicamp, 2007.
- SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada. Ensaio de ontologia Fenomenológica*. Petrópolis: Vozes, 2007.